



## **Curso de história e cultura dos povos indígenas como valorização às práticas tradicionais agroecológicas**

*Course on the History and culture of indigenous peoples as a means of valuing of traditional agroecological practices*

JULIÃO, Janaína<sup>1</sup>; SILVA, Fernando de Sá<sup>2</sup>; TASSE, Luciana<sup>3</sup>; BRASIL, Reinaldo Duque<sup>4</sup>;

<sup>1</sup>UFJF-GV, janaina.aparecidajuliao@yahoo.com.br; <sup>2</sup>UFJF-GV, silvafs@gmail.com; <sup>3</sup>UFJF-GV, lucianatasse@gmail.com; <sup>4</sup>UFJF-GV, reinaldo.duque@ufjf.edu.br

### **Eixo temático: Terra, território, ancestralidade e justiça ambientais**

**Resumo:** O curso de História e cultura dos povos indígenas teve a participação de educadores/as Krenak, Pataxó e Maxacali. A atividade foi gerada a partir do projeto Pluriversidade dos Povos e Comunidades Tradicionais do Watu que é vinculado ao Programa NAGÔ (Núcleo de Agroecologia de Governador Valadares) em parceria com o CRDH (Centro de Referência em Direitos Humanos do Médio Rio Doce). Com a finalidade de inclusão de mestres/as camponeses, indígenas e quilombolas na UFJF-Campus GV, visando contribuir para a formação transdisciplinar de estudantes e professores da UFJF-GV e das escolas públicas da região.

**Palavras-Chave:** Educação; História; Ancestralidade; Território.

**Keywords:** Education; Story; Ancestrality; Territory.

### **Contexto**

A experiência foi realizada no Instituto de Ciências Sociais Aplicadas (ICSA) da Universidade Federal de Juiz de Fora em Governador Valadares-MG, entre os dias 22 e 24 de outubro de 2018. Esta experiência de extensão da UFJF-GV, organizada pelo NAGÔ e CRDH, se deu no contexto do espaço de uma educação intercultural inserido na universidade pública sendo totalmente protagonizado pelos povos tradicionais, à compreensão da luta pela terra, à formação do imaginário sobre o retorno desses povos a seus territórios de origem e a afirmação de suas identidades ancestrais. Ao mesmo tempo, o ato de protagonizar a experiência contribuiu para a reafirmação cultural desses povos e a associação política dos mesmos pela defesa de seus valores e direitos de forma coletiva. Em consequência, a experiência interativa entre os diferentes atores contribuiu para que os estudantes e docentes, se realocassem na constituição histórica do povo brasileiro. A experiência inspirou os participantes a reforçar a busca por uma justiça mais social e ambiental.

### **Descrição da Experiência**

O Curso de História e cultura indígena teve a participação dos povos Krenak, Pataxó e Maxacali. Cada povo, pôde ministrar uma aula contando sua história de luta pela terra, suas manifestações culturais e ancestrais, bem como seu modo de vida e



resistência nas respectivas comunidades. Será apresentado, brevemente, o relato histórico de três comunidades indígenas a partir do vivenciado no módulo do curso:

*Povo Krenak* - O povo indígena Krenak considera-se o povo originário do Leste do Estado de Minas Gerais, pois vivem às margens do Rio Doce (*Watu* = Grande Pai). Atualmente, seu território consiste entre as cidades de Resplendor e Conselheiro Pena. Em 2015, ocorreu o desastre do rompimento da barragem de fundão em Mariana – MG, crime ambiental praticado pela empresa Samarco Mineração S.A, controlada pela Vale S.A e pela BHP Billiton Brasil Ltda. que contaminou toda bacia hidrográfica do Rio Doce, afetando o povo Krenak diretamente com morte do rio sagrado *Watu* e, desde então, o povo não pode mais fazer uso do rio em seus rituais. Contudo, o povo Krenak permanece resistindo, continuam o trabalho de reflorestamento das margens do rio e cada Clã familiar contrapõe a triste realidade ambiental, mantendo a plantação de roça e praticando agroecologia a partir de seus conhecimentos tradicionais. Na cultura Krenak as mulheres são a força da luta e os homens seus escudos protetores, assim, continuam na luta pelo seu território ancestral do parque dos sete salões, e pela sua demarcação como Terra Indígena.

*Povo Pataxó* - O povo indígena Pataxó da Aldeia Geru Tucunã são originários da Terra Indígena Barra Velha, no extremo sul da Bahia e vivem atualmente na área do Parque Estadual Rio Corrente, no município de Açucena-MG, desde o ano de 2010. Desde então, é recorrente as denúncias de conflitos com fazendeiros e de ocupações irregulares. Os Indígenas falaram sobre as dificuldades geradas pela falta de demarcação do território. O não reconhecimento como Terra Indígena agrava a insegurança, pelo assédio dos posseiros, além de gerar incertezas sobre o acesso à água para a comunidade. Eles contaram também que, desde a ocupação da terra, foram eles que plantaram tudo, reflorestaram a área e começaram a praticar a agricultura de forma agroecológica, com plantações de mandioca, milho, variedade de frutas e hortas em seus quintais.

*Povo Maxacali* - O território tradicional do povo indígena Maxacali compreende o Vale do Mucuri, o Vale do Jequitinhonha, o Sul da Bahia e o Norte do Espírito Santo. Os mestres que lecionaram a aula no curso são de Aldeia Verde em Ladainha-MG, onde cada grupo familiar tem sua liderança e, para a tomada de decisões entre eles, é formado um conselho para resolver a demanda. Este povo não domina totalmente a língua portuguesa. Contudo, isso não foi uma barreira para o aprendizado intercultural no curso. No decorrer da aula, tanto os mestres Maxacalis quanto os participantes foram abandonando a timidez e a barreira linguística quase não existia. Os mestres se viam confortáveis a ponto de, ao final, indicarem com facilidade como determinada atividade deveria ser realizada. Atualmente, o povo Maxacali vive da agricultura para subsistência e também do auxílio do Programa Bolsa Família, do Governo Federal.

Pela história violenta desses povos - Krenak, Pataxó e Maxacali - percebe-se a constante luta pelo território e pela terra, marcada por exílios forçados no passado. Na verdade, pode-se dizer, que esta luta é também uma luta agroecológica, pelo



resgate de práticas e saberes tradicionais em prol da autonomia e da soberania alimentar dos povos.

Portanto, destaca-se para um relato geral da experiência, que as aulas ministradas pelos indígenas ocorreram de forma participativa com o público presente. Cada mestre, representante de seu povo, contou suas histórias das lutas do passado, das migrações forçadas, do retorno para suas terras de origem, e, também, as resistências do presente.

Para imersão dos participantes na cultura dos povos, foram realizadas danças, cantos, entonação de sons da natureza e rituais, a exemplo, a flauta acompanhada pela fala na língua Krenak, momento em que todos os participantes foram pintados com argila branca, representando máscaras como intuito de não esconder as faces, mas trazer igualdade entre os indivíduos: “Agora vocês são iguais perante todos. Não há diferença” disse Shirley Krenak, que conduziu a experiência.

Em outro momento do curso, os Maxacalis também usaram a pintura e apresentaram o jenipapo como principal pigmento utilizado na sua arte corpórea. Nesse momento, pintaram o rosto dos participantes com o jenipapo. Outro ponto interessante e divertido de imersão na cultura Maxacali, foram os jogos. Todos esses momentos interativos ajudaram a romper a barreira da língua para os participantes.

Acrescentou-se a isso, a exibição de vídeos produzidos pelos próprios índios Maxacalis realizando práticas e rituais complexos e profundos espiritualmente para a comunidade, como o ritual de passagem da infância para a fase adulta. A estética é a manifestação e, também, síntese de práticas e valores construídos por determinado povo, gerando a cultura (Naves e Reis, 2017). É de se constatar que, devido a relação horizontal dos índios com a natureza, todos os ritos e manifestações culturais praticados por eles têm como tema, objetivo e fonte o meio natural em que vivem. Apesar de apresentarem, nessa experiência, principalmente as questões culturais, a todo momento a questão ecológica, política e de justiça estavam fortemente presentes, tanto pelo exílio forçado de suas terras, quanto pela marcante tragédia da lama de rejeitos de mineração que matou o Watu-Rio Doce.

Ao final das atividades do curso, foi proposto aos alunos uma redação, avaliando o curso perpassando por três tópicos: o que aprendeu; como o conhecimento adquirido irá contribuir para a vida profissional; quão a experiência agradou e sugestões. Dentre as avaliações destaca-se trechos da carta do estudante de direito Matheus Rodrigues Oliveira:

“Os encontros com os três povos indígenas convidados – Pataxó, Krenak e Maxakali, foram igualmente enriquecedores. Digo enriquecedores, pois geraram um contato direto com os líderes de cada uma das comunidades supracitadas, permitindo que os espectadores aprendessem sobre as culturas e costumes a partir da instrução dos próprios praticantes e herdeiros dessas. [...] particularmente, pude



participar de danças e cânticos tradicionais de cada povo, conhecer sua religiosidade, apreciar sua arte, também tive o privilégio de receber suas pinturas e conhecer suas línguas. Por exemplo, conheci um pouco a escrita e desenhos Maxakali, até mesmo aprendi meu nome na língua (Matet), e tive o rosto untado pela argila dos Krenak. [...] houveram interações nos momentos considerados apropriados, permitindo o diálogo, mas assim como nas antigas rodas em volta da fogueira, os mais sábios tomavam a palavra e disseminavam seus conhecimentos. Dessa forma, o clima familiar se sobrepôs aos padrões academicistas de comportamento, o que foi inovador e perfeitamente apropriado dentro da Universidade (espaço de construção e desconstrução).”

Como visto, os participantes, sensibilizados pela experiência das práticas indígenas e suas diferentes estéticas, diante das falas sobre as histórias desses povos faz com que ocorra, no seu imaginário, uma ressignificação e formação de uma consciência mais vívida dos processos históricos de constituição do povo brasileiro, bem como um olhar mais crítico para a justiça socioambiental nos moldes atuais.

Por fim, o curso contou com a participação de mais de 60 pessoas incluindo estudantes de diferentes cursos de graduação e pós-graduação da UFJF e outras universidades como UFMG e Univale, além de professores da rede pública estadual e municipal, docentes e servidores da UFJF, indigenistas da FUNAI, terapeutas e educadores populares da Associação de Terapeutas das Culturas Tradicionais (ATCT), e, ainda, técnicos e extensionista rurais do Centro Agroecológico Tamandú (CAT).

## **Resultados**

Apresenta-se como resultado a iniciativa de extensão universitária integrada com a educação intercultural, concebida no intuito de oferecer visibilidade aos povos indígenas de Minas Gerais no contexto da universidade pública. Com isso, propiciou-se a experiência participativa dos alunos e estudantes em busca de conhecimentos sobre a diversidade cultural, a história dos povos e comunidades tradicionais do Território Médio Rio Doce/Watu, bem como sobre os conhecimentos tradicionais associados a esses povos.

Apesar da curta duração do curso, atingiu-se o objetivo pedagógico proposto, uma vez que os alunos tiveram um panorama geral sobre o histórico da relação das etnias atualmente com seus territórios, com as tradições e com o meio ambiente. Também foram suscitados questionamentos sobre o que é justiça socio ambiental e desenvolvimento sustentável.

A agroecologia exerce um papel fundamental para construção da estratégia de resistência dos povos indígenas, possibilitando sua autonomia e soberania alimentar. Assim, ao unir os métodos tradicionais de agricultura indígena e a ciência da agroecologia, busca-se a harmonia entre o meio ambiente e os povos da floresta.



Portanto, surge como desafio para próxima experiência, o foco na agroecologia como estratégia de sustentabilidade e sua íntima relação com a agricultura indígena.

## **Agradecimentos**

Aos convidados Mestres e Mestras Indígenas do povo Krenak, Shirley Krenak, do povo Pataxó Cacique Bayara Pataxó, Sequaí Pataxó e Natália Pataxó, e do povo Maxacali, por terem compartilhado sua história e seus saberes. Bem como aos membros do Núcleo de Agroecologia de Governador Valadares (NAGÔ) e do Centro de Referência em Direitos Humanos (CRDH), ambos programas da UFJF-GV, pela idealização e organização dessa experiência na universidade.

## **Referências bibliográficas**

NAVES, F; REIS, Y. Desenhando a resistência: estética e contra-hegemonia no movimento agroecológico no Brasil. **Cad. EBAPE.BR.** Rio de Janeiro, 2017. v. 15, n. 2.